

Relações luso-moçambicanas: finalmente a bonança?

O ministro português dos Negócios Estrangeiros deverá visitar Moçambique durante o próximo mês, respondendo, assim, a um convite do seu homólogo moçambicano.

A deslocação de Fatcher Pereira ocorre depois de um período de tensão entre Lisboa e Maputo em que, segundo uma fonte diplomática, se esteve «à beira de uma crise muito grave». Resolvido o caso Versteeg, o cônsul português na Beira, acusado de colaborar com a denominada «resistência moçambicana», as questões cristaliza-

ram-se em torno de cidadãos portugueses presos naquela cidade, sob a mesma acusação. Além de as autoridades moçambicanas recusarem autorização para contactos entre os representantes portugueses e os detidos, quatro deles seriam mesmo apresentados num comício presidido pelo ministro-residente da região, general

Gebuza. O caso viria a culminar com uma ordem de expulsão de 20 portugueses que, porém, nunca foi comunicada oficialmente a Lisboa.

A maneira como foi possível ultrapassar uma situação muito difícil é considerada por meios diplomáticos como um «teste decisivo» para as relações luso-moçambicanas. Portugal fez sentir que, a prosseguirem as medidas discriminatórias em relação aos portugueses, isso poria em causa a estabilidade da cooperação entre os dois países, tendo Maputo mostra-

do receptividade a essa «mensagem».

A ordem de expulsão de 20 portugueses residentes na Beira foi dada há cerca de duas semanas. A justificação apresentada pelas autoridades da província de Sofala, de onde partiu a decisão, ter-se-ia baseado em que era necessário os portugueses abandonarem o país, a fim de ficarem a coberto de uma exaltação de ânimos que, aparentemente, se estava a verificar na cidade da Beira. A ordem de expulsão abrangia também dois alemães. Entre os

portugueses que deveriam deixar Moçambique contavam-se dois dos detidos na Beira, na sequência da sabotagem dos tanques de petróleo na Beira, na primeira metade de Dezembro: José Carlos Almeida, cooperante nas Linhas Aéreas de Moçambique e Rui Manuel Amorim Janeiro, engenheiro da companhia do Oleoduto Beira-Zimbabue. A ordem de expulsão seria cancelada na última semana, mas cerca de uma dezena daqueles portugueses decidiram viajar esta semana até Lisboa.

Entretanto, sete dos 11 que ainda se encontravam detidos na Beira foram libertados, no último dia 18, após uma visita efectuada, na véspera, àquela cidade, pelo ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano. Por seu turno, dois outros portugueses, Benjamim Foz Júnior e João Benedito Fernandes foram condenados a oito e quatro anos de prisão, respectivamente. A dois dos libertados, Joaquim Martinho da Silva e Cipriano da Exaltação Pereira, as autoridades terão comunicado que deverão abandonar o país num prazo de 30 dias.

O Tribunal da Beira que julgou os portugueses condenou à morte cinco moçambicanos e outros 24, a penas de prisão, por crimes contra a segurança do Estado. O britânico Finlay Hamilton foi condenado a 20 anos de prisão.

O Jornal
25-2-83